

Até Jazz

JERÓNIMO BELO



## O JAZZ continua em maré alta, nos Açores (Conclusão)

**"O Jazz é o produto de seus músicos e cantores. O executante é o centro desse mundo. É preciso, portanto, descobrir quem é esse homem, ou mais raramente, quem é essa mulher, artista de Jazz. Isso, de certa maneira, é fácil, mas por outro lado é difícil."**

Eric J. Hobsbawm

In História Social do Jazz, Pg. 287

(Editora Paz e Terra, São Paulo, SP, 1989)

A citação do famoso historiador britânico (1907-2002), mamim, quanto a mim, encerne importância e atualidade - porque abarca a especificidade da tipologia musical, que se convencionou chamar Jazz.

Hobsbawm escreveu obras fundamentais sobre a História europeia, foi capaz de falar os matizes da universidade para, numa prosa clara e seletiva, abordar questões variadas, nomeadamente temas económicos, sociais, políticos e culturais. E foi, como é conhecido, um grande amante de jazz, tendo escrito alguns livros e ensaios sobre o assunto.

É hoje uma realidade inequívoca que o Jazz caminha, um pouco por toda a parte, para um estatuto de cada vez maior dignidade. E isso resulta de múltiplos factores, designadamente o fomento nas instituições de ensino dessa arte musical - complexa, viva e sólida - a vários níveis, que já encantaram as portas das universidades que se prezam. Mas, essa reputação notável, diria mesmo ímpar, deve-se sobretudo à qualidade e diferenciação dos seus principais actores - e, de entre esses - os músicos-instrumentistas e cantores.

E agora regresso a Hobsbawm que considera o "executante" o centro do mundo jazzístico. E também recorro a outro especialista, Carlos Calado, autor de um trabalho muito relevante "O Jazz como espetáculo" (Editora Perspectiva, São Paulo, SP, 2007). Ao abordar a relação músico-instrumento, Calado afirma:

"Do mesmo modo que o actor, o músico constitui-se na figura central e condição básica para a ocorrência do evento". Mas, no fenómeno jazzístico apresenta-se uma peculiaridade: "Se para a ocorrência teatral o actor é o bastardo, prescindindo de objectos ou qualquer coisa que não seja o próprio corpo para um nível mínimo de teatralização, no jazz a concretização musical só se efectiva através da relação do jazzmeo e seu instrumento".

E aqui importa sublinhar que no Jazz, a voz foi, provavelmente, o seu primeiro instrumento, via canções dos escravos africanos transplantados para as Américas: "work songs", "field holler", Blues rurais, e os primeiros cantos religiosos negros: "spirituals", "gospel songs" (cânticos evangélicos), "praise", means "Igermidos e quozomaci). E, desde sempre, a voz, no Jazz, foi quase sempre tratada como um instrumento, como se documenta com o chamado "scat singing" - estilo vocal no qual o instrumentista/cantor substitui as palavras originais por sílabas ou sons onomatopáicos.

É agora regresso à minha caminhada, que ocorre numa espécie de planura de encantamento, depois das noites vividas na 14ª edição do Festival de Jazz de Angra do Heroísmo, nos Açores, recorrendo à voz dos artistas presentes no AngraJazz, apresento-vos o vibrafonista, pedagogo e compositor Jeffrey Davis. Nasceu no Canadá e vive em Portugal desde 1980. Possui uma sólida formação musical. E tem trabalhado num "States" sem gente conhecida, "peças pesadas", destacando-se Joe Lovano, Gary Burton, Terence Blanchard, Steve Swallow, Bob Mintzer, entre outros. Foi o convidado da orquestra AngraJazz, a quem coube a honra de abrir o Festival. Vamos ouvi-lo!

Quando pergunta "em Portugal, no mundo do jazz, os guitarristas são cada vez mais em número e o mesmo sucede com os pianistas e os saxofonistas, por exemplo. O vibrafone é mais difícil, menos apelativo? Como chegou ao instrumento?"

Ohé, tenho muita alegria em lhe dizer que, neste país (Portugal), felizmente, ainda é dos países da Europa que

produzem mais vibrafonistas. Ou seja, do que eu conheço de outros países, de ter lá tocado e ter lá estado, Portugal está de boa saúde no que diz respeito ao vibrafone. Talvez não ao nível das guitarristas e pianistas, como é óbvio, porque também é um instrumento mais raro e menos conhecido, mas, comparado com o resto da Europa e a maior parte dos países, é um país que está de saúde.

Como eu cheguei ao instrumento? Cheguei ao instrumento como a maior parte das pessoas, acho eu, foi através do Gary Burton, que é um vibrafonista, embora já se tenha reformado, mas ainda é vivo; é um vibrafonista muito apelativo para o pessoal que vem da percussão clássica, pela razão técnica de ele usar as mesmas quatro baquetas que se usam no repertório clássico, quando se aprende a percussão clássica no conservatório, ou numa escola superior, ou numa



Ben Allison Trio, músicos de rara beleza. Ótima de memórias

### E aqui importa sublinhar que, no Jazz, a voz foi, provavelmente, o seu primeiro instrumento, via canções dos escravos africanos transplantados para as Américas

escola profissional. Ou seja, fazer a ligação entre o mundo clássico e o jazz através dele é uma coisa bastante comum a meu ver. Basicamente, foi por aí que eu entrei no mundo do vibrafone.

Infelizmente, não consigo reproduzir como tanto gostaria a integral conversa que mamim com o instrumentista Jeffrey Davis, mas devo reconhecer que a apresentação da Orquestra AngraJazz, dirigida por Pedro Moreira, continua, ano após ano, a surpreender-me positivamente. Gente nova, solos arrebatadores: Paulo Borges (trompete), Rui Melo (sax tenor), André Ribeiro (trombone) e Jeffrey... musicalíssimo.

A escolha muito criteriosa dos temas, especialmente assente nas criações dos mestres do "Hard Bop", o novo "Bop" dos anos 50, melódica e harmonicamente carregada de Blues, rítmicamente muito ágil, dançante, que marca o início do regresso às fontes negras do jazz. Foi um festival dentro de um grande Festival. Os temas dizem tudo: "Afternoon in Paris" de John Lewis, "Stablemates" e "I remember Clifford" de Benny Golson, "Jords" de Clifford Brown e o inesquecível "Footprints" do saxofonista e

compositor genial Wayne Shorter, que nos deixou este ano. E a iluminar a noite "The Jody Grind", do pianista oriundo de Cabo Verde, Hecace Silver. Quem poderia exigir mais???

Com este clima, estava estendendo o tapete vermelho para a pianista do Canadá Renee Rosnes, entretanto a viver na tal Ilha que pertence ao mundo- Manhattan. O quinteto (piano, contrabaixo, bateria e dois saxofonistas) esteve muito bem, correspondendo às expectativas. A antiga companheira de Wayne Shorter, Charlie Haden, Freddie Hubbard e Joe Henderson (quem não daria este mundo e arretores para ter tocado e gravado com esses músicos???) é não apenas uma das mais criativas instrumentistas da sua geração, mas também "gere", com sofisticação, uma banda bem oleada, coesa, transmitindo uma imagem de seriedade e rigor. E uma extrema entrega criativa. Recorde, com carinho, o tema "Landscape" de Joe Henderson, "Diana" de Wayne Shorter e a beleza agreste de "Ba-Lue Bolivar Ba-Lues-Are" de Thelonius Monk! Um concerto que vai continuar a morar comigo, lá no fundo do meu coração.

E agora não consigo fugir à beleza interminável da Arte do Trio: Ben Allison (contrabaixo), Steve Cardenas (guitarra) e Ted Nash (saxofone e clarinet). Ben Allison Trio. Três instrumentistas que reergueram um universo cheio de uma enorme beleza serena. Uma música tricotada ao premeitor. A presença da música de Herbie Nichols foi uma constante ao longo do tabuleiro concerto, que terminou com "Tell the Birds I Said Hello" do lendário Herbie Nichols, o título do próximo disco do Trio, que será lançado em Fevereiro de 2024.

Este terceiro concerto do Festival era aguardado por mim com enorme emoção. Sabia que o contrabaixista esteve na origem do "The Herbie Nichols Project", com o objectivo de conhecer, estudar e divulgar a obra do pianista e compositor

Herbie Nichols (1919-1965), um génio maior da História do jazz, esquecido e ignorado "pela má memória da história". Foi um extraordinário pianista e compositor. Gravou muito pouco para a dimensão do seu talento. Nasceu em Manhattan. Escreveu inúmeras composições, poemas e letras para as suas composições. O seu catálogo pessoal continha 170 obras, mas uma inundação no apartamento do pai, em Harlem, onde as suas composições estavam guardadas numa arca, foram engolidas nesse acidente. Um verdadeiro naufrágio. E vamos colocar o contrabaixista Ben Allison no "centro desse mundo jazzístico". Vamos escutá-lo atentamente:

"...A música de Herbie Nichols merece a maior atenção e reconhecimento. É tão única quanto é a música de Thelonius Monk, tão divertida de tocar quanto a música de Ornette Coleman e tão atemporal quanto a música de Duke Ellington. Herbie Nichols estava à frente do seu tempo. A música que ele escreveu nas décadas de 1940 e 1950 falava de ideias que não se tornariam populares até o final dos anos 1960. Muitas vezes pergunto-me o que ele teria achado do free-jazz que surgiu nos anos 60 - e o que os músicos de free jazz teriam pensado dele...".

E termina assim a nossa conversa:

"... Já me apresentei no Festival AngraJazz em duas ocasiões. A primeira apresentação foi em 2004 (coincidentalmente, como co-líder do Projecto Herbie Nichols). A apresentação no Festival deste ano foi especial. Ser convidado e voltar depois de tantos anos foi maravilhoso...".

AngraJazz 2023, com bons e grandes momentos de jazz!